

AUTOBIOGRAFIAS, ETNOGRAFIAS E OUTRAS HISTÓRIAS: MIGRAÇÕES E EXPERIÊNCIAS NA AMAZÔNIA <https://doi.org/10.63330/aurumpub.013-007>**Josué Carlos Souza dos Santos**

Mestre em Segurança Pública, Direitos Humanos e Cidadania pela Universidade Estadual de Roraima. Doutorando em Educação pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1172-5763>**RESUMO**

O presente trabalho deriva-se de minha tese de Doutorado em Educação pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, uma pesquisa realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). No ano de 2016 intensificou-se o número de entradas de venezuelanos no país na fronteira brasileira com a Venezuela, no estado de Roraima. Esse movimento, percebido como deslocamento migratório forçado, levou o país à criação da Operação Acolhida, uma resposta humanitária governamental e interagencial que inclui a criação de abrigos institucionais para acolher essas pessoas bem como práticas de integração local. Se perpetuando até os dias atuais, a operação segue acolhendo venezuelanos de diferentes idades e contextos, muitos ainda em processo de adaptação e integração social e econômica no Brasil. Com base nesse contexto, esse trabalho apresenta considerações e resultados preliminares do estudo que teve como problema de pesquisa a seguinte questão norteadora: O que significa aos venezuelanos ser um migrante e/ou refugiado no Brasil? O objetivo geral, dessa forma, é compreender o que significa aos venezuelanos ser um migrante e/ou refugiado no Brasil vivendo em um dos abrigos humanitários em Roraima. A hipótese que apresento são duas: 1) a migração de venezuelanos ao Brasil se localiza em um entrelugar (Bhabha, 1998), um lugar de espaço-tempo não-físico de hibridização entre culturas; e 2) A migração não termina quando chegam no Brasil, mas continua se perpetuando de diversas maneiras, nas idas e vindas da Venezuela ao Brasil, na vida constituída no abrigo e naquela que se desenvolve fora dele, no acesso às políticas públicas, entre outras. Tomo como base teórica os estudos de Paul Ricoeur (1994, 2004), especificamente a tríplice mimese hermenêutica (prefiguração, configuração e refiguração), que consiste em um processo de constituição de si mediado pelo tempo e narrativa (Ricoeur, 1994). Baseio-me também nos estudos com/sobre narrativas nas trilhas deixadas por Ricoeur (1994), Oliveira (2011) e Benjamin (1987) e utilizo a Etnografia como aporte teórico-metodológico com base em Malinowski (1976). Como procedimentos metodológicos, além da escrita etnográfica em um diário de campo, adaptei a metodologia do Grupo Reflexivo com base em Passeggi (2011, 2023) e Gabriel (2011) para socialização com os participantes e coleta de suas narrativas. Em relação às análises dos dados, tomo como base o desenvolvimento de eixos de investigação com base em Nóvoa (1988), além de Szymanski (2004), com a identificação de eixos. Gabriel (2011) auxilia-me na triangulação desses dados, um processo sempre mediado pela hermenêutica de Ricoeur (1994). Os resultados dessa investigação são contribuições interdisciplinares para o campo das Ciências Humanas, em especial na área de Educação, e no campo acadêmico uma compreensão mais específica em torno das discussões sobre/com migrantes e refugiados no Brasil, especificamente venezuelanos na Amazônia. Para a comunidade de migrantes e refugiados, um aprofundamento da discussão sobre ser um migrante e/ou refugiado no Brasil e suas implicações sociais, educacionais e humanitárias.

Palavras-chave: Migração; Narrativas; Etnografia; Educação; Interdisciplinariedade.



1 INTRODUÇÃO

A Amazônia do Brasil possui uma rica diversidade cultural, linguística e regional que proporciona o desenvolvimento de múltiplas comunidades, como comunidades de ribeirinhos (povos que habitam os rios), comunidades indígenas de diferentes grupos étnicos, grupos de refugiados e migrantes de diferentes partes do mundo, sobretudo dos países de fronteira (Colômbia, Venezuela, Guiana), entre outros contextos que apontam esse epicentro do mundo como multicultural, plural, diverso e simbólico.

Por ser da Amazônia, beber de seus rios, vestir-me com o calor do norte e descansar nas sombras das árvores antigas ouvindo histórias ancestrais, tenho direcionado meus estudos aos povos da Amazônia, buscando compreender como se constituem e como ajudam a constituir as particularidades e peculiaridades do cotidiano Amazônico. Assim, tenho desenvolvido alguns trabalhos como ‘Refúgio, Narrativas e Histórias: Migrações e Experiências na Amazônia’ (Santos; Gabriel, 2019), ‘Venezuelans Migrants in the Amazon: Listening to Stories’ (Santos, 2025), ‘O Mundo de vida de crianças da Amazônia e Suas infâncias’ (Santos, 2025), entre outros.

Meu objetivo como pesquisador da/na Amazônia é dar visibilidade ao contexto cultural dessa região, aos seus povos e suas histórias, ao modo como se constituem seus cotidianos, suas específicas questões de pertencimento, sua relação com a política e como acontece a vida em sociedade, um revezamento constante entre a vida na zona rural (no campo e na floresta Amazônica) e na zona urbana (na cidade).

Considerando que a Venezuela é uma das nações que fazem fronteira com o Brasil em região Amazônica e também o fato do grande fluxo migratório de venezuelanos ao Brasil, desde o ano de 2016 graças ao contexto político socioeconômico em sua nação, no contexto de meu trabalho doutoral, perguntei-me: O que significa aos venezuelanos ser um migrante e/ou refugiado no Brasil? Quais os sentidos atribuídos por eles em relação aos seus processos migratórios? Quais diálogos e interações estabelecem ao se depararem com as múltiplas identidades existentes em Roraima?

Através de perguntas complexas, fiz o movimento de buscar compreender o compreender de migrantes e refugiados venezuelanos no Brasil a respeito de si, seus processos de migração e deslocamento que resultaram na saída de sua nação de origem e chegada no Brasil, passando a viver em um grande abrigo humanitário na cidade de Boa Vista, em Roraima, na região setentrional da Amazônia brasileira.

As considerações neste trabalho se derivam da minha tese de Doutorado em Educação na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, bem como inserem-se ainda nas acaloradas discussões do Grupo de Pesquisas Educacionais, Autobiográficas, Interdisciplinares e Interculturais de Roraima (GEPAIIRR) e Escola Amazônica de Filosofia, ambos certificados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) do Brasil.

O movimento migratório dos venezuelanos no mundo, especialmente ao Brasil, agora convertido no que proponho conceituar Deslocamento Migratório Forçado (DMF), iniciou-se no ano de 2016, com

uma onda migratória de grupos étnicos indígenas Warao e Pemon ao estado de Roraima, na fronteira do Brasil com a Venezuela, ganhando ainda mais força nos anos seguintes e especialmente no ano de 2018, quando chegou a ter mais de 800 (oitocentas) pessoas entrando diariamente no país e lotando os espaços públicos demandando assistência social, emergencial e humanitária por parte dos governos, organizações e sociedade como um todo (CERCA DE 800, 2018). Os motivos para tal DMF acontecer, segundo mídias e outras fontes, são os mais diversos, e se deu como desdobramento dos últimos anos de mandato do ex-presidente Hugo Chávez e a transição para o governo sucessor, Nicolás Maduro, visto em acontecimentos como o superfaturamento de produtos/alimentos que resultaram em uma inflação exorbitante (Ortiz, 2015; MORRE AOS 58, 2013), a péssima qualidade da educação na Venezuela, quando existente (Singer, 2021), o aumento da violência (Moura, 2021; CICV, 2018), entre outros.

Esses acontecimentos sociais, históricos e sobretudo políticos fizeram com que os venezuelanos migrassem a outras nações, inclusive ao Brasil, na busca por melhores condições socioeconômicas de vida, renda e (sub)existência. No Brasil, ao chegarem, passaram a ocupar as ruas e espaços públicos até o momento que o Governo Federal criou a Operação Acolhida, uma resposta governamental e interagencial com a responsabilidade de fornecer ajuda humanitária a essas pessoas. Passando a viver em abrigos, os migrantes e refugiados passaram a ressignificar suas existências através de projetos de inserção local, meios de vida e adaptação na nação de acolhida. É a respeito desses processos fundamentais de constituição e reconstituição de si que a pesquisa se debruça, objetivando compreender quem são essas pessoas agora diante de um novo contexto e configuração de vida.

A pesquisa se identifica como fenomenológica, qualitativa, exploratória e descritiva. Como aporte teórico, utiliza-se de dois conceitos fundamentais, as narrativas autobiográficas e também a etnografia, ambos também procedimentos metodológicos. Além disso, tem-se como corrente teórica os fundamentos da filosofia da linguagem de Paul Ricoeur (1994; 2004), filósofo francês conhecido por suas contribuições significativas nos campos da Fenomenologia e Filosofia da Linguagem e que marca teoricamente este trabalho com a teoria da tríplice *mimese* hermenêutica: a compreensão e interpretação da linguagem, da ação e da experiência humana.

A pesquisa de campo ocorreu no mês de janeiro de 2025 no estado de Roraima, na Amazônia, especificamente em um dos abrigos humanitários urbanos da Operação Acolhida, o Rondon 1. Teve como elementos centrais em seu decurso a metodologia adaptada do Grupo Reflexivo (Passeggi, 2011, 2023) e a etnografia das visitas no abrigo convertidas nas escritas no diário de campo do pesquisador, com base em Malinowski (1976) e Geertz (1978)¹.

¹ Essa pesquisa teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos (CEP) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP) em 08 de dezembro de 2024 sob o parecer nº 7.275.352



2 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA

A nação da Venezuela possui muitas riquezas culturais e geográficas, e também uma história marcada pela opressão e que segue em tensão. De acordo com Coggiola (2017), em meados de 1522, o império espanhol estabeleceu colônias com escravização de povos nativos locais e mão de obra de africanos, com o objetivo de produzir cacau, café e outras especiarias para a Europa. Foi Simón Bolívar que liderou sua independência, em 1811, encontrando em uma economia essencialmente agrícola sua subsistência, um sistema que perpetuou até meados da Primeira Guerra Mundial, no período de 1914-1918.

Após esses anos e acontecimentos, voltou sua economia à extração, refino e exportação de petróleo. Desde a nomeação do primeiro chefe de Estado, o ex-presidente Cristóbal Mendoza (governando a Venezuela no período de 1811-1812), até o mais recente, Nicolás Maduro (2013 até o momento de escrita deste trabalho, em 2026), a Venezuela se viu em muitos contextos extremos: já chegou a ser considerado o país mais rico da América Latina, em meados da década de 1980 (mil novecentos e oitenta) e, mais atualmente, enfrenta uma de suas maiores crises econômicas (Lander, 2017).

Autores venezuelanos têm se dedicado a pesquisar sobre o contexto político, social e econômico da Venezuela no que concerne ao período chavista e também Maduro, como Urbaneja (2007), Lander (2017), Páez (2015), Llorens (2018) e López Maya (2023). Esses autores oferecem perspectivas que capturam nuances culturais, sociais e políticas com um olhar interno, conhecendo as particularidades do contexto histórico e as complexidades dos problemas enfrentados pela sociedade venezuelana a partir de suas próprias vivências e experiências. Segundo López Maya (2023), por exemplo, a polarização política da era Chávez e a crise do governo Maduro têm raízes culturais e históricas que são mais bem compreendidas quando analisadas de dentro, por aqueles que experimentam diariamente os impactos desses regimes.

O projeto político chavista possuía suas controvérsias, pois, ao mesmo tempo em que promovia políticas públicas em favor dos pobres, implementava práticas comunistas/socialistas de centralização do poder e militarização (Jácome, 2006), e má gestão econômica relacionada principalmente ao comércio internacional de petróleo, considerando suas altas e baixas no mercado internacional que levou a Venezuela, no ápice de sua história econômica nos anos anteriores, a ocupar o lugar de 12º maior produtor mundial (Resende; Leão, 2018), mesmo com a maior reserva comprovada de petróleo do mundo (IBP, s.d.), que culminou numa série de fatores socioeconômicos possivelmente responsáveis, nos anos vindouros ao período, pelo deslocamento migratório forçado de venezuelanos a outras nações e ao Brasil, conforme apontei em minha dissertação de mestrado (Santos, 2022). Entre essas causas possíveis, destaco: o superfaturamento de produtos/alimentos que resultaram em uma inflação exorbitante (Ortiz, 2015; MORRE AOS 58, 2013), a péssima qualidade da Educação na Venezuela, quando existente (Singer, 2021), aumento

e CAAE nº 82766724.9.0000.5407. As anuências e demais procedimentos técnicos realizados para pesquisa de campo junto com seres humanos toma como base a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016).



da violência (Moura, 2021; CICV, 2018), entre outros que impactavam diretamente a vida dos venezuelanos.

Antes do surgimento dos abrigos na cidade de Boa Vista, capital do estado de Roraima, no extremo norte do Brasil, no início de 2016, observou-se um aumento no fluxo de entrada de venezuelanos no Brasil através da fronteira localizada entre as cidades de Santa Elena de Uairén, em Bolívar, na Venezuela, e Pacaraima, em Roraima, no Brasil; eram indígenas de diversas etnias, com predominância o grupo étnico Warao, conforme apontam Mattos (2018) e ACNUR (2020).

Entre os anos de 2017-2018 o fluxo migratório de venezuelanos ao Brasil aumentou ainda mais, chegando a registrar 800 (oitocentas) pessoas entrando diariamente na fronteira (CERCA DE 800, 2018). Com o passar do tempo, algumas organizações passaram a ter uma atuação de resposta humanitária emergencial à essa situação, como a Organização das Nações Unidas (ONU) com várias de suas agências, fundos e departamentos, bem como o Governo Federal, através da atuação direta do Exército Brasileiro com a logística operacional, segurança e distribuição de alimentação.

Em 2018, o Governo Federal sistematizou a atuação desses atores no campo, direcionando mandatos específicos: O Ministério da Defesa, agora com suas três forças Marinha, Exército e Aeronáutica, continuaria atuando nos eixos já em desenvolvimento no que dizia respeito aos abrigos, isto é, logística/infraestrutura, segurança e alimentação, e o ACNUR ficaria responsável pela gestão e coordenação dos abrigos, junto com seus parceiros institucionais, Organizações Não Governamentais e com a coordenação conjunta com o Ministério da Cidadania, (atualmente reestruturado com o nome de Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome). Assim surgiu a Operação Acolhida, uma resposta humanitária, social, orçamentária, governamental e interagencial de resposta ao deslocamento migratório forçado de venezuelanos no Brasil.

ACNUR (2021) aponta os objetivos da OA como sendo os seguintes:

A Operação Acolhida é estruturada em três eixos: o ordenamento de fronteira; o abrigamento; e a interiorização, que consiste na transferência voluntária para outros estados brasileiros (ACNUR, 2021, p. 13).

O ordenamento de fronteira, primeiro objetivo, consiste em: (1) ter um controle maior da situação *in loco* (“no local”), seja em relação à segurança nacional, já que nessa fronteira, além da migração venezuelana, permeiam outros desafios (questões indígenas, conflitos relacionados à prática de garimpo ilegal de ouro, diamante e o outras riquezas da Amazônia etc.); (2) controle estatístico a respeito do número de entradas e saídas, não apenas de venezuelanos e brasileiros, mas todas as nacionalidades que por ali passam; e (3) organização estratégica relacionada à documentação temporária de pessoas para entrada no país.

O abrigamento, segundo objetivo, consiste em fornecer um local para pessoas que não teriam condições financeiras de alugar uma casa ou adquirirem outras formas de habitação em sua chegada, também de forma temporária e voluntária, mediante disponibilidade de vagas nesses locais. A interiorização, terceiro objetivo, consiste em levar os venezuelanos a outros estados no Brasil, através dos voos da Força Aérea Brasileira (FAB) ou negociações por vagas em voos de empresas privadas. Muitas vezes essas transferências, também voluntárias, contavam com emprego e estadias garantidas no local de chegada, por um tempo determinado, dependendo da modalidade da interiorização a qual a pessoa optou por participar. Isso acontecia para proporcionar aos venezuelanos outras oportunidades de socialização e profissionalização, considerando que nas grandes capitais do Brasil são inúmeras possibilidades de emprego, moradia e renda.

No Brasil, abrigos institucionais de acolhimento estão inseridos dentro do âmbito de políticas públicas geralmente vinculados às secretarias estaduais e/ou municipais que trabalham com assistência social. Esses abrigos visam acolher pessoas em situação de vulnerabilidade social, como pessoas em situação de rua, crianças e adolescentes desacompanhados, órfãos, menores de idade em medida socio protetiva, idosos, mulheres vítimas de violência baseada em gênero, entre outros. São abrigos de pequeno a médio porte, de atuação imediata e que visam o retorno à sociedade em melhores condições desde o momento de triagem e recepção dessas pessoas até o período pós- acolhimento, onde serão preparados para reintegração na vida em sociedade fora desses ambientes.

Os abrigos em Boa Vista, entre os anos de 2016-2017, não tinham essa configuração. Tinham diversos problemas estruturais, como superlotação, questões sanitárias e de higiene, violências internas e em seu entorno, e outros (Costa *et al.*, 2018). Isso porque foram cedidos pelos órgãos competentes em caráter emergencial e com base nos recursos disponíveis naquele momento e contexto. Enquanto isso, outros setores públicos, como saúde, trabalho e educação, que já sofriam com debilidades na gestão de recursos públicos e outros problemas estruturais, perceberam um aumento na demanda por atendimento (Arruda-Barbosa *et al.*, 2020), tornando visível, assim, que era necessária uma completa reforma nos sistemas de políticas públicas, não apenas para lidar com esses novos desafios relacionados ao aumento da demanda em atendimentos, mas com os problemas estruturais que já existiam anteriormente à essa situação.

Nesse contexto, e até o momento presente de escrita deste trabalho, muitas pessoas não ingressavam nos abrigos, ocupando as ruas, praças públicas e também no entorno da Rodoviária Internacional de Boa Vista, local de desembarque dos ônibus que chegam da Venezuela. Seja pela falta de espaço nos abrigos, seja por receios de enfrentar outras situações que vinham junto com esse abrigamento. Esses locais rapidamente encontraram-se lotados de pessoas de diversas idades e vulnerabilidades, inclusive crianças, idosos, pessoas com doenças crônicas e outras situações.

3 MARCADOR TEÓRICO: A TRÍPLICE MIMESE

Os momentos reflexivos e questões norteadoras que são fundamentais no desenvolvimento do Grupo Reflexivo, bem como em minha própria escrita etnográfica no diário de campo, têm como base a hermenêutica de Ricoeur (1994; 2004) que considera a *mimese* como um processo interpretativo, de compreensão e reconhecimento de si. Com base na Poética de Aristóteles em que Ricoeur analisa a mediação que ocorre entre tempo e narrativa, é possível perceber que, no processo interpretativo dessas experiências encontram-se dificuldades nas quais a narrativa, o leitor e o texto estão em constante interação. Inserida nas reflexões ricoeuriana, Melo (2010) destaca que “Compreender um texto significa, portanto, é não apenas explicitar o seu sentido como um todo (sua estrutura), mas também desvendar as suas referências, ou seja, o projeto de mundo que nele se descortina” (Melo, 2010, p. 06).

Segundo Ricoeur (1994), a teoria da tríplice mimese pode ser definida da seguinte forma:

(...) É construindo a relação entre os três modos miméticos que constitui a mediação entre tempo e narrativa. É essa própria mediação que passa pelas três fases da *mimese*. (...) para resolver o problema da relação entre tempo e narrativa, devo estabelecer o papel mediador da tessitura da intriga entre um estágio da experiência prática que a precede e um estágio que a sucede. (...) *Seguimos, pois, o destino de um tempo prefigurado em um tempo refigurado, pela mediação de um tempo configurado* (Ricoeur, p. 87).

Assim, em “Mimese I” é onde ocorre uma descrição inicial do processo da experiência humana onde narrativa “imita” a ação humana através da recriação de eventos e experiências através da narrativa. É uma fase de prefiguração, ou seja, aquela em que a linguagem é como um desdobramento da narrativa, a ação evocativa do narrar a si mesmo. “Mimese II” é um intermédio, uma mediação entre estágios anterior e ulterior da mimese: uma configuração. Essa configuração, por sua vez, insere-se num processo que o autor chamará de “operação de configuração” (Ricoeur, 1994, p. 102) onde ocorre “(...) uma mediação de maior amplitude entre a pré-compreensão e, se ousar dizer, a pós-compreensão, da ordem da ação e de seus traços temporais” (Ibidem, p. 103). Ela se constitui na relação entre narrativa e o tempo, fornecendo uma estrutura que permite aos sujeitos entenderem e interpretar os eventos.

A “Mimese III” constitui-se como uma reflexão entre o mundo pré-narrativo e o mundo narrativo. Além disso, ela “(...) marca a intersecção entre o mundo do texto e o mundo do ouvinte ou do leitor” (Ibidem, p. 110). Envolve ainda a síntese de elementos do mundo empírico e do mundo narrativo através da análise de uma narrativa já produzida que, no exercício da configuração dessa narrativa (Mimese II), foi organizada e sistematizada. Agora, em “*Mimese III*”, a narrativa adquire possibilidades, entre elas, a de receber outros sentidos ao mundo e a nossa experiência nele, uma resignificação, pois agora “(...) a narrativa tem seu sentido pleno quando é restituída ao tempo do agir e do padecer em *mimese III*” (Ibidem, p. 110).

À medida que a pesquisa foi avançando, foi possível perceber como a mimese acontece na biografia escrita e inscrita nos corpos e vidas venezuelanas. Ao refletir sobre suas vidas, alguns marcadores se fizeram presente, como o tempo (antes e depois na Venezuela, com o fato da transição de governos como evento catalizador de seu êxodo, bem como o futuro, agora no Brasil) e a geografia (vida na Venezuela, vida no Brasil). A reflexão sobre si, agora convertida em narrativa, o ato de projetar no mundo essas experiências e vida, possibilitou um ir e vir nos tempos passado, presente e futuro, um reconhecimento de símbolos e signos de pertença e referência, e também enxergar possibilidades no *devir*, isto é, no futuro. Segundo Ricoeur (1994):

O acontecimento completo é não apenas que alguém tome a palavra e dirija-se a um interlocutor, é também que ambicione levar à linguagem e partilhar com outro uma nova experiência. É essa experiência que, por sua vez, tem o mundo como horizonte (Ibidem, p. 119-120).

Além disso, não apenas o fato de falar sobre si, narrando-se, mas refletindo na palavra dita e escrita, possibilitou ao narrador entender os sentidos que fazem parte de sua trajetória de vida e outros elementos que permeiam seu universo, visto agora como uma experiência de ter o mundo, o seu mundo e dos outros que dialogam consigo, como horizonte, isto é, como possibilidades, como amplitude, contemplação. Nesse sentido, a tríplice mimese aliada às narrativas autobiográficas se tornaram uma ferramenta indispensável no trabalho educacional e narrativo com esses participantes.

As narrativas autobiográficas enquanto recurso teórico e metodológico de pesquisa, inicialmente receberam o nome de “histórias de vida”, sob a ótica dos estudos biográficos. Como Guérios (2011) nos mostra, o enfoque inicial desses estudos eram dois: “(...) as mudanças sociais relativas a processos migratórios” (Ibidem, p. 10), quando relatos autobiográficos passariam a ser utilizados como recurso da pesquisa, e também “(...) as carreiras de indivíduos tidos como desviantes ou delinquente” (Ibidem, p. 10) que consideravam que o pertencimento social de um determinado indivíduo não deve ser o principal elemento a ser considerado no que diz respeito a sua própria constituição de si.

Anos depois, as “histórias de vida” (e mais à frente, se desdobrando em “trajetórias de vida”), os estudos biográficos e autobiográficos ganharam aprofundamentos e refinamentos em seu uso como recurso teórico e metodológico nas pesquisas em Ciências Sociais e também nas Ciências Humanas. Segundo Galvão (2005), a narrativa possui três elementos que se complementam:

[1] História – abrange as personagens envolvidas em determinados acontecimentos, num espaço e tempo determinados e possibilita uma primeira interpretação do que é contado; [2] Discurso – forma específica como qualquer história é apresentada; [3] Significação – uma interpretação de segundo nível que o ouvinte/leitor/espectador obtém a partir do inter-relacionamento da história e do respectivo discurso (Galvão, 2005, p. 328).

Ora, é na articulação desses elementos – história, discurso e significação – que encontramos a narrativa. É no narrar-se a si mesmo, refletindo criticamente e interpretando mimeticamente essa narrativa de si que encontramos as narrativas autobiográficas. No exercício de narrar-me, primeiramente, lembro-me das situações, dos momentos. “Escavo” (no sentido de quem adentra mais profundamente) em minha memória e torno vivo novamente aquele evento pela ótica do agora. Em seguida, reflito sobre isso (as situações, os momentos), o que me traz mais detalhes sobre o ocorrido, além de uma melhor compreensão. Por fim, sistematizo essa reflexão em minha narrativa, contando assim a minha história. Segundo Gabriel (2011), “Trabalhar com histórias de vida, com narratividade é oportunizar a nós mesmos como sujeitos históricos a articulação dos tempos vividos” (Gabriel, 2011, p. 44). Dessa forma, vou e volto no tempo, nas memórias, no vivido.

4 ‘*COMO EN VENEZUELA Y EN BRASIL*’: ETNOGRAFIAS E NARRATIVAS ITINERANTES

Entrar novamente no abrigo me traz várias lembranças. Dos primeiros rostos que desciam do ônibus e entravam naqueles portões na abertura do abrigo (na época de sua abertura), das muitas pessoas acolhidas ao longo dos anos, dos colegas de profissão que fiz e que hoje encontram-se em outros cargos, profissões e campos. Propor enveredar-me por esses caminhos novamente foi o revisitar de um lugar que era o mesmo, mas também estava diferente – o abrigo e também a mim. Me fiz então, antes de pisar os pés no abrigo, algumas perguntas: com será retornar ao campo depois de tantos anos? O que mudou desde minha saída? Será que os rostos que verei agora são os mesmos daqueles tempos? Quais desafios as equipes enfrentam hoje e como a operação tem se ajustado aos diferentes governos, mandatos e políticas envolvidas que ela tem atravessado? Com esses questionamentos, organizei minha mochila, minhas notas e minhas ideias e parti para o campo específico, o abrigo Rondon 1.

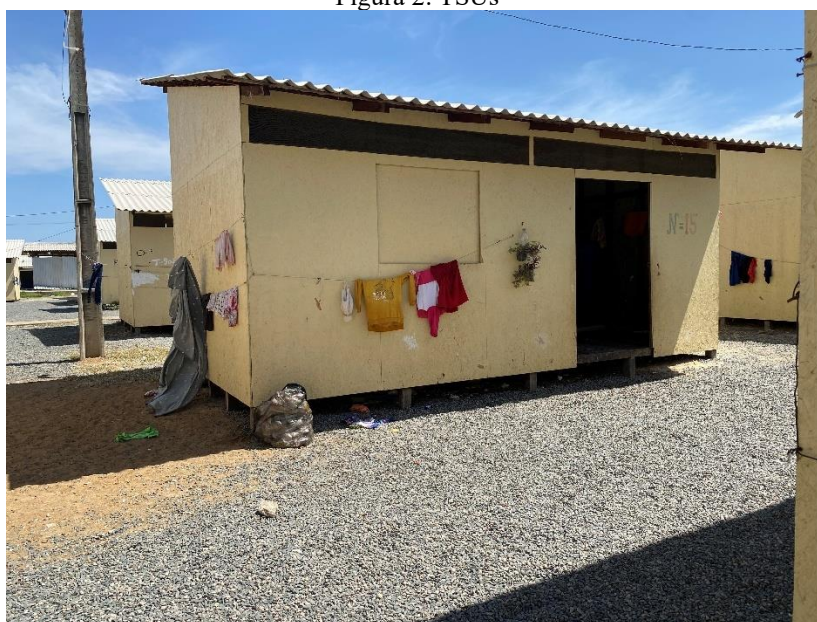
O abrigo Rondon 1 possui área total de 65779.8 m² com diversas estruturas físicas que foram montadas do zero. Essas estruturas são: containers de banheiros, escritórios e depósitos, bebedouros, postes de iluminação, refletores e overlays, além das habitações temporárias que aqui recebem o nome de Refugee House Units (RHUs) e Transitional Shelter Unit (TSU), conforme abaixo. O total de RHUs no abrigo é 153 unidades, e o total de TSU é de 211.

Figura 1: RHUs



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Figura 2: TSUs



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

As RHUs (primeira foto) foram as primeiras a serem montadas no abrigo. Por serem habitações de emergência, possuem limitações estruturais, físicas e de sustentabilidade que ao longo prazo são afetadas devido ao uso, as condições do local (como o clima de calor intenso ou período de muitas chuvas, por exemplo) e outros fatores condicionantes à sua durabilidade. O abrigo foi inaugurado em julho de 2018 (Folha Web, 2018), completando 07 (sete) anos de funcionamento ininterrupto em 2025. No período em que a pesquisa de campo ocorreu, isto é, em janeiro de 2025, o abrigo estava em sua capacidade máxima, com 2.300 (duas mil e trezentas) pessoas abrigadas.

Carpa em sua tradução do espanhol ao português brasileiro significa barraca. É o termo popular designado tanto por eles quanto pelos demais sujeitos no abrigo (isto é, a equipe da AVSI, a equipe de segurança da portaria, a equipe militar, etc.) às habitações dentro do abrigo onde vivem os venezuelanos, sejam elas RHUs ou TSUs (ao utilizar '*carpa*' não é feita qualquer distinção entre os modelos habitacionais). Percebo que tanto os termos em espanhol são proferidos pelos brasileiros que trabalham no abrigo como termos em português são proferidos pelos venezuelanos, tendo como resultado uma nova linguagem, o *portunhol*.

Portunhol é uma língua que surge do confronto. Nasce no limiar entre as fronteiras institucionais e não-formais, físicas e não físicas, geográfico-espacial e nas barreiras que se constituem bordas semânticas e simbólicas e seus respectivos atravessamentos. A junção de palavras do português do Brasil com o espanhol da Venezuela é uma forma de adaptação, de aprendizado contínuo, de junção. É uma estratégia de sobrevivência.

As equipes que atuam no abrigo são três: o componente militar, na figura dos militares do exército, responsável por questões de estrutura e segurança, e o componente civil, composto pela equipe de portaria, que é privada de atuação terceirizada, e a AVSI Brasil, responsável pela gestão do abrigo. Ambos os componentes, militar e civil, interagem com os venezuelanos e com eles dão vida e significado ao abrigo. Questões relacionadas à gestão, no geral, são encaminhadas à AVSI que busca alternativas para resolvê-las. A equipe da AVSI, por sua vez, atua no abrigo nas seguintes áreas: gestão, proteção, registro, distribuição e participação comunitária.

A entrada por onde entram e saem as pessoas se localiza no centro de um espaço ladeado por escritórios militares, à esquerda, e humanitários, à direita. Esses escritórios são containers temporários e as equipes trabalham cada uma em seu espaço. No lado humanitário, um container é onde fica a gestão do abrigo, outro a equipe de registro, onde fazem atualizações cadastrais, em outro se localiza a equipe de proteção, que atende casos de extrema vulnerabilidade que requer um cuidado adicional, e outro é para atividades gerais, onde um cartaz escrito "La voz de los refugiados" me informa que ali funciona também uma espécie de rádio comunitária.

5 ENCONTROS E REENCONTROS COM O GRUPO REFLEXIVO: FASES

As visitas ao abrigo tinham como objetivo geral me permitir ser inserido na vida dos venezuelanos para gerar uma aproximação, uma preocupação que carregue desde o mestrado no revezamento entre ser um estranho e um reconhecido pela comunidade:

(...) quem sou eu nesse universo humanitário? Um transeunte entre realidades culturais específicas? Um *flâneur de Baudelaire* que não é nem eles, nem o “eu” de antes, mas um novo que surge a partir do contato com essas realidades? Ainda não sei. Mas o que sei é que as vezes sou um estranho na comunidade, e em outras sou um *pana* (‘amigo’ no idioma Warao). Isso acontece porque a comunidade sempre está mudando e novos rostos logo ocupam o lugar de outros que foram migrar mais adentro pelo Brasil. Assim, para os novos, sou estranho, e para os antigos, sou de casa (Santos, 2022, p. 66).

Essa preocupação não é só minha, mas pode ser vista também em Geertz (1989) no receio de não ser visto e/ou reconhecido pela comunidade pesquisada – e conseqüentemente ter sua inserção dificultada.

Com base nesse objetivo geral das visitas no abrigo, os objetivos específicos consistiam em: 1) visita para observação participante e 2) encontros com o grupo reflexivo. Outras visitas *ad hoc* (‘específicas’) aconteceram em paralelo a esses objetivos, como quando fui convidado a participar da reunião da carpa verde, isto é, de um dos comitês do abrigo, e outra quando as assistentes de Participação de Base Comunitária (PBC) convidaram-me para caminhar pelo abrigo, me apresentando os diferentes ambientes e contando suas histórias.

Tomei como referência o grupo-reflexivo desenvolvido por Passeggi (2011; 2023) como prática pedagógica na área de educação no contexto dos “ateliês de escrita autobiográfica” (Passeggi, 2023, p. 150). Nesse grupo, a escrita de si é um processo dialético de ressignificação de si e das experiências do indivíduo que acontece com a mediação de um pesquisador. É através da “reflexão autobiográfica” (Passeggi, 2011, p. 150) que o grupo atinge sua realização, seu propósito. De acordo com Passeggi (2023):

O grupo reflexivo é formado por pessoas que partilham com os demais participantes seu pertencimento ao grupo e seu engajamento num projeto comum: partilhar e ressignificar a experiência vivida para se compreender e renascer com outro e como um outro (Passeggi, 2023, p. 04).

Tomando como base Passeggi (2011, 2023) e também Gabriel (2011), adaptando ao contexto de meu trabalho, desenvolvi e organizei no quadro abaixo os momentos reflexivos que surgiram como proposta de mediar as discussões no grupo:

Quadro 1 – Questões norteadoras e complementares

Momento	Questão norteadora	Questões complementares
Primeiro	“Quais experiências marcaram a minha vida na Venezuela e no Brasil?”	Como era minha vida na Venezuela? Quais os momentos significativos de minha trajetória de vida? O que me levou a viver em um abrigo no Brasil?
Segundo	“O que essas experiências fizeram comigo?”	Como essas experiências se manifestam em mim, atualmente, no Brasil? Como é a minha vida no abrigo? Como é a minha vida no Brasil?
Terceiro	“O que faço agora com o que isso me fez?”	O que penso sobre meu futuro? Escrever sobre mim me ajuda a refletir sobre minha história?

Fonte: Elaboração própria com base em Passeggi (2011, 2023) e Gabriel (2011).

Essas questões norteadoras estiveram na centralidade dos encontros, que não se constituíram apenas com elas, mas também com dinâmicas quebra-gelo e outras metodologias.

O **primeiro encontro** foi inesperado. Havia conversado com a equipe da AVSI que iria ao abrigo para inicialmente apresentar-me, conhecer os funcionários humanitários do abrigo e fazer uma primeira caminhada nele, no sentido de levantar primeiras impressões. Como falei anteriormente, essa não seria minha primeira ida ao abrigo, pois além de ter trabalhado na sua inauguração, em julho de 2018, fiz várias visitas em decorrência de minha atuação no ACNUR, que fazia a coordenação *in macro* de todos os abrigos (no contexto da resposta humanitária a nível nacional e internacional) e *in loco* indo constantemente ao campo em Roraima (que incluía o Rondon 1). No entanto, considerando que o abrigo possui mobilidade de recursos humanos e materiais em uma base diária – entre outras mudanças que podem ocorrer com o passar dos anos – revisitá-lo foi um movimento de novas descobertas, ressignificação de impressões e surgimento de novas possibilidades.

Ao escrever o projeto e me propor enveredar-me por esses caminhos novamente, me fiz algumas perguntas: com será retornar ao campo depois de tantos anos? O que mudou desde minha saída? Será que os rostos que verei agora são os mesmos daqueles tempos? Quais desafios as equipes enfrentam e como a Operação tem se ajustado aos diferentes governos, mandatos e políticas envolvidas?

Por isso uso o termo (re)conhecer, dessa forma, uma escrita separada, porém ainda junta. Pois a pesquisa narrativo-etnográfica me permitirá conhecer novamente o abrigo, no sentido de seus novos desafios, novos sujeitos, outras perspectivas (outro abrigo?) (Diário de Campo, 2025).

Todas essas questões de fato aconteceram, isto é, conheci os funcionários humanitários e também os militares do abrigo, equipe de portaria e alguns venezuelanos, caminhei pelo abrigo, vi as pessoas se movimentando aqui e ali em suas vidas cotidianas, etc. Porém, além disso, a equipe da AVSI havia convocado naquele primeiro momento todos os participantes selecionados - 10 pessoas que se

identificavam como homens e 10 pessoas que se identificavam como mulheres – reunindo-os em uma sala para realização do primeiro encontro deles comigo, o primeiro do grupo reflexivo. Isto aconteceu porque a pessoa que fazia a comunicação entre mim e a equipe no abrigo – uma funcionária da AVSI que trabalhava na parte administrativa, em um escritório fora do abrigo – comunicou-lhes que este seria o propósito de minha primeira visita, o que foi uma falha de comunicação.

Nessa ida inicial ao abrigo não estava previsto o encontro com o grupo, mas apenas minha apresentação à equipe da AVSI e passar um tempo no abrigo realizando observação participante e anotações iniciais. Inicialmente eu havia planejado o primeiro encontro para acontecer (quando chegasse o momento apropriado, devidamente organizado na agenda) com o seguinte roteiro: primeiro, apresentação do pesquisador e da pesquisa, que inclui contexto, objetivos, justificativa e demais elementos. Segundo, a coleta de consentimento em participar da pesquisa no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o TCLE, o documento Perfil dos Sujeitos da Pesquisa, bem como O Termo de Consentimento de Uso de Imagem, Nome e/o Voz. Terceiro, um momento quebra-gelo com alguma dinâmica que fizesse a transição do momento mais formal, isto é, esse inicial de apresentação e documentos administrativos, para um momento de aproximação, onde eles se expressariam com base em questões norteadoras que elaborei previamente.

Prigol e Ramasco (2018) fazem um breve levantamento bibliográfico sobre o tema de aplicar dinâmicas em grupos participantes de pesquisa. Segundo os autores, Kurt Lewin, em 1944, elaborou a teoria de campo das dinâmicas de grupo ao dizer que os participantes estabelecem comportamentos a partir do que é ou não confortável às suas cognições. Mais adiante, Bion (1975) disse que é na interpretação desses comportamentos que se possibilita ao pesquisador ler as entrelinhas da produção dos fenômenos no grupo, portanto, compreendendo-o melhor. No contexto brasileiro, Weil (1967) disse que um dos principais objetivos de implementar essa metodologia era o de identificar e tratar os obstáculos à comunicação e às causas do conflito (Weil, 1967 *apud* Prigol; Ramasco, 2018).

No conjunto desses direcionamentos, a dinâmica de grupo é um elemento fundamental que objetiva romper (ou ao menos minimizar) a distância não-física entre o pesquisador e os pesquisados, isto é, os estranhamentos, as incertezas, timidez e até mesmo desconfortos. Como bem nos mostra Murthy (2017): “conexões sociais fortes são caracterizadas por experiências compartilhadas significativas e relacionamentos mutuamente benéficos” (Murthy, 2017, p. 27). Trabalhando nesses obstáculos à comunicação entre pesquisador e pesquisados é que se permite a criação de espaços não-formais, descontraídos, leves e de aproximação, constituindo-se uma estratégia fundamental de relacionar-se com os participantes e até mesmo facilitação na coleta de dados.

Por conta da falha de comunicação interna que embaralhou minha agenda, não havia levado comigo os documentos nem tampouco preparado a dinâmica quebra gelo, pois como falei, minha inserção inicial

no abrigo era apenas de apresentação aos funcionários humanitários e (re)descobertas do/no abrigo. Fui então conduzido à sala onde estavam me aguardando os sujeitos que agora se tornariam participantes. Apresentei-me e também a pesquisa e seus objetivos, e ao final desse breve momento concordamos em nos encontrar dali três dias para o primeiro encontro oficial – e que agora se tornaria o segundo. O total de pessoas participantes foram 10 homens adultos e 10 mulheres adultas.

Apesar de inesperado, esse primeiro encontro me permitiu considerar algumas questões. Percebi que as pessoas ficaram bastante sérias, fechadas e sobretudo demonstrando um estranhamento com a participação na pesquisa. Expliquei-lhes a importância de ter suas histórias e trajetórias discutidas também na academia e em suas vozes e perspectivas, sobretudo em outros estados do Brasil para uma visibilidade mais ampla de suas opiniões discursivas, formativas e performativas sobre como constituem seus mundos e histórias. Mesmo consentindo que tudo estava claro e bem explicado, suas reações físicas me diziam outra coisa. Desse modo, reafirmei a importância de realizar uma dinâmica quebra-gelo nos próximos encontros.

No **segundo encontro** reapresentei-me e também a pesquisa. Recolhi as assinaturas – e seus respectivos consentimentos – nos documentos administrativos e segui para a parte da dinâmica quebra-gelo, que consistia na técnica de associação livre que se insere na teoria das representações sociais e que encontra fundamentos em Freud (2001):

Diga, pois, tudo que lhe passa pela mente. Comporte-se como faria, por exemplo, um passageiro sentado no trem ao lado da janela que descreve para seu vizinho de passeio como muda a paisagem em sua vista (Freud, 2001, p. 136, tradução nossa).

Desse modo, como dinâmica quebra-gelo, coloquei então entre mim e eles um quadro branco *flipchart* e ao dizer algumas palavras, eles se expressaram livremente dizendo qual era a primeira palavra que lhes vinham à mente ao ouvir palavras como “Venezuela”, “Brasil”, “Política” e outras. As mais variadas respostas, como “Arepa” (comida típica venezuelana) ao ouvirem a palavra “Venezuela”, “Corrupção” ao ouvirem a palavra “Política” e “Obrigado” ao ouvirem a palavra “Brasil”, revelava-me os desdobramentos de sua migração, isto é, insatisfação com o governo venezuelano, agradecimento ao acolhimento brasileiro, signos e símbolos da cultura venezuelana referenciado em suas vozes e demais questões de pertença e referência.

Dinâmica feita, aproximação estabelecida, passei então à explicação da questão norteadora daquele encontro e consequentemente perguntas-guia de escrita da narrativa: “Quais experiências marcaram minha vida na Venezuela e no Brasil?”. Ao final da explicação, os participantes me pediam para escrever em casa, com calma, atenção consciente, e me trazer a narrativa escrita em um próximo encontro, o que assenti e assim finalizamos o encontro.

No **terceiro encontro** recebi as narrativas escritas solicitadas no encontro anterior. Neste novo encontro, seguimos com a questão norteadora “O que essas experiências fizeram comigo?”, percebi que as conversas articulavam-se em torno de temas transversais, como educação e também fatores econômicos e laborais.

No **quarto encontro** desenvolvi outra dinâmica de quebra-gelo, em um sentido complementar de coleta de dados, além de variar a dinâmica do encontro novamente. Nesse momento, perdi aos participantes que escrevessem em uma folha em branco alguma produção artística que lhes viesse à mente e que representasse a vida (anteriormente) na Venezuela, a vida (atual) no Brasil ou as duas coisas. Os participantes desenvolveram poesias, desenhos, letras de músicas e narrativas espontâneas sobre as rupturas, os ganhos e as perdas de ser um migrante no Brasil.

Após esse momento, recebi as narrativas escritas solicitadas no encontro anterior e seguimos os diálogos sob a questão norteadora final: “O que faço agora com o que isso me fez?”. Percebi que diversos temas intercalavam-se, compondo suas vozes, narrativas, experiências e vida, como família, vida na cidade, geografia (ora falavam da vida na Venezuela, ora falavam da vida no Brasil) e tempos (passado, presente e futuro). Desse modo, a narrativa não seguia uma linearidade cronológica, mas fazia desvios, buscando na memória, na reflexão e na ação seu ápice mimético.

No **quinto encontro**, o último, recebi as últimas narrativas e juntos encerramos os encontros. Os participantes que ‘sobreviveram até aqui’ estavam completamente engajados, chegavam no horário, entregavam entusiasmados suas narrativas, participavam ativamente quando solicitados ou não, sempre de forma voluntária. Nesse último encontro fizemos um lanche juntos e celebramos a conclusão dos encontros.

6 BIOGRAFIAS MIGRANTES: OS EIXOS DE CONSTITUIÇÃO DE SI

À medida que lia e relia sistematicamente as narrativas dos venezuelanos, elaborei eixos temáticos a partir do que eles contavam sobre a vida, os fatos, a história. Tomo como base os eixos de formação apontados por Nóvoa (1988) em sua descrição metodológica de um projeto de formação de formadores na área de educação (intitulado projeto Prosalus), bem sucedido e que tinha como foco a biografia educativa baseada em dinâmicas de autoformação em grupo e de compreensão retroativa, isto é, o da tomada de consciência de seus participantes. Ao descrever os procedimentos metodológicos adotados, o autor fornece algumas recomendações de como aplicar essa dinâmica em outras oportunidades e contextos, entre elas (as recomendações) os eixos de investigação. Segundo ele:

A divisão em grupos deve-se fazer segundo determinados “eixos de investigação”, que orientação a elaboração das biografias educativas e facilitarão, posteriormente, a análise de conteúdo (Nóvoa, 1988, p. 162).



A partir desse ponto segui por um caminho diferente de Nóvoa, pois os eixos não foram os orientadores na constituição do grupo reflexivo, tampouco de suas discussões (como vimos, esse foi o papel das questões norteadoras). Ou seja, os eixos não surgiram pré-grupo/coleta de narrativa, mas após a leitura atenta dos textos. Atento às recomendações de Nóvoa (1988) e os eixos presentes nas biografias educativas, apresento os eixos que extraí das biografias migrantes dos venezuelanos pesquisados.

Quadro 2: Triangulação dos eixos

Eixos de Investigação			
Eixos de Formação (Nóvoa, 1988)	Descrição	Eixos de Constituição de Si	Descrição
Estruturação e Ciclos	Globalidade em um percurso de vida: etapas, momentos significativos, fases de transição, etc.	Da abundância à escassez	Da vida antes das mudanças políticas e sociais na Venezuela ao momento atual (ou àquele em que saíram de lá), com foco na transição entre esses períodos, os venezuelanos narram momentos e experiências que culminaram na partida de sua nação.
		Nós, migrantes	Com base em sua narrativa autobiográfica, os venezuelanos contam como enxergam a si mesmos e como percebem-se no mundo.
		Sigo adiante	Encontrando nos rastros das lembranças e dos reconhecimentos, os narradores apontam expectativas em relação ao devir, isto é, o futuro.
Mapa das Relações	Influência dos 'outros' na constituição de si, isto é, as pessoas que fizeram/fazem parte de sua trajetória de vida na Venezuela e no Brasil. Grupos de pertença (religião, escolar, familiar e outros) que se tornam referência na constituição de si.	Todos os eixos de constituição de si se incorporam deste eixo de formação. O mapa das relações é construído do individual ao coletivo	
Espaços e Meios Sociais	Influência dos espaços físicos e não físicos (redes sociais, por exemplo) que inferem sobre a vida do indivíduo.	Migração, Trajetórias, Viagens	Os movimentos de saída de suas casas, cidades e nação até chegar no Brasil e passarem a viver no abrigo.
Percurso Escolar e Educação não-formal	Processos de aprendizagem vivenciados pelo sujeito, sejam formais ou informais, que inclui educação familiar, escolas e/ou faculdades frequentadas, cursos técnicos e profissionalizantes, acesso ao mercado de trabalho.	Aprendizados e Experiências	A vida no abrigo e no Brasil, as inferências e vivências desenvolvidas em relação aos diversos tipos de aprendizados e experiências obtidas: educacionais, escolares, profissionais, culturais, etc.
Formação contínua e origem social	Outras experiências formadoras e também o papel da cultura nesse processo formativo ao longo da vida.	Ser migrante e mãe solo no Brasil	Marcador de gênero que surgiu em diversas narrativas das mulheres e que permite problematizar outras questões
		Ser homem, trabalhador, com profissão	Marcador de gênero que surgiu em diversas narrativas dos homens e que permite problematizar outras questões

Fonte: Elaboração própria (2025) com base em Nóvoa (1988).

No Eixo 1, ‘Da abundância à escassez’, percebi as idiocrasias da vida antes das mudanças políticas e sociais na Venezuela ao momento atual (ou àquele em que saíram de lá), com foco na transição entre esses períodos, os venezuelanos narraram momentos e experiências que culminaram na partida de sua nação.

No Eixo 2, ‘ Migração, Trajetórias, Viagens’, evidenciei – ou melhor, fui evidenciado pelas narrativas - os movimentos de saída de suas casas, cidades e nação até chegar no Brasil e passarem a viver no abrigo. Uma narrativa que me marcou e levou-me a perceber essas camadas como um eixo de investigação, foi a seguinte fala:

A experiência que me marcou na Venezuela, minha terra querida, foi deixar meu país, minha família, amigos e empreender uma viagem ao desconhecido, à incerteza de não saber se voltarei à Venezuela e qual tempo terei que esperar para voltar a ver minha família já que a Venezuela está vivendo tempos difíceis (Marta, 2025).

Movimento-me pelas falas de Marta, uma das participantes do grupo reflexivo e que agora é também autora-narradora. Nesse movimento, entendo os muitos lugares de sua migração, ou melhor, os entrelugares de seu mundo do texto. Sua saída da Venezuela, em sua fala, foi uma experiência e também uma viagem ao desconhecido. No Eixo 3, ‘Aprendizados e Experiências’, é possível compreender a vida no abrigo e no Brasil através da ótica daquilo que estão aprendendo e as experiências vividas, as inferências e vivências desenvolvidas em relação aos diversos tipos de aprendizados e experiências obtidas: educacionais, escolares, profissionais, culturais, etc., constituintes desse ser migrante. No Eixo 4, ‘Ser migrante e mãe solo no Brasil’, surge um marcador de gênero que atravessa os movimentos migratórios das venezuelanas apontando vulnerabilidades e questões específicas à condição de ser mulher, como relações familiares, (des)organização econômica e outras dificuldades percebidas na prática da seguinte forma: maior exposição às violências de gênero (como formas de assédio, exploração e abusos), exploração e condições laborais limitadas, desigualdade no mercado de trabalho, barreiras linguísticas e culturais, estigmatização e xenofobia, estereotipação e inserção no sexo por sobrevivência (prostituição), entre outras.

No Eixo 5, ‘Ser homem, trabalhador, com profissão’, a questão de gênero, dentro do recorte masculino, surge nas falas dos venezuelanos, tal qual evidenciado no trecho “(...) já que tinha a responsabilidade de levar o pão à minha família” (Fernando, 2025), entre outros, onde o ‘ser homem’ adquire pressões e responsabilidades de ser o provedor, forte, inabalável mas que se percebe diante de um momento de impotência. Na prática, no seu dia a dia, evidencia-se com mais detalhes na seguinte forma: pressão a respeito do papel de provedor (incluem-se: estigmas, autoestima, frustrações, cobranças), alvos de racismo e xenofobia, exploração laboral e informalidades e isolamento afetivo e social.

No Eixo 6, ‘Nós, Migrantes’, pode-se perceber como os venezuelanos enxergam a si mesmos no processo, como migrantes, em movimento, alguém que faz trânsitos não apenas físicos, deslocando-se de um lugar a outro, mas não-físicos, simbólicos à sua condição de serem venezuelanos no Brasil oriundos de

um processo de deslocamento migratório forçado. No Eixo 7, ‘Sigo adiante’, os venezuelanos encontram-se diante expectativas em relação ao devir, isto é, o futuro, que surge dos rastros das lembranças e dos reconhecimentos.

O Eixo 8, ‘Narradores’, surgiu após a concepção dos demais eixos, no decurso da escrita dessa tese, uma análise separada da anterior. Um eixo que recebe destaque em forma e estética pois não apenas os migrantes venezuelanos enxergam-se como narradores, mas o próprio pesquisador dessa tese, o produto do reconhecimento mútuo que se desenvolveu no decurso dessa empreitada. Esse eixo, diferente dos demais, não se limita aos escritos nas linhas das autobiografias coletadas, mas, somando-se a este instrumento metodológico, incorpora-se também das vozes proferidas no contexto do grupo reflexivo (e nos outros momentos de interação), bem como nos escritos etnográficos do diário de campo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS: TRIANGULANDO AUTOBIOGRAFIAS E ETNOGRAFIAS

A investigação a respeito da migração venezuelana ainda segue na fase de análise dos dados, essa com base em Ricoeur (1994) com os processos hermenêuticos (interpretativos) que visam a compreensão, de Szymanski (2004) com a identificação de eixos temáticos, e de Gabriel (2011) com a triangulação dos *corpus* (isto é, os dados coletados). Apesar de ainda em desenvolvimento, é possível tecer algumas considerações finais a título de finalizar esse texto, conforme apontarei abaixo.

Como produzir um texto que articule os principais produtos de análise dessa investigação: as narrativas orais (no contexto do grupo-reflexivo e em outros momentos pelo campo) e escritas (a produção das narrativas autobiográficas) dos venezuelanos, e a etnografia que produzi escrevendo em um diário? o que surge da culminância entre essas duas abordagens e metodologias? Qual o ponto em comum entre minha etnografia e suas autobiografias? Narrativas Autobiográficas e Etnografias podem caminhar juntas?

Na seção anterior, mostrei quais eixos investigativos desenvolvi a partir das narrativas autobiográficas escritas dos venezuelanos e que podem permitir visualizar como se constituem, isso é, se identificam, se formam, se entendem, também foi possível perceber em alguns momentos que a idealização de um eixo incorporava-se de outro, de modo que eles se relacionam entre si. Seus relatos evidenciam que se constituem migrantes em diferentes espaços-tempos de socialização e experiências, e que isso não é tarefa finalizada, mas em constante movimento e que varia conforme suas expectativas, sonhos e metas, apontando um *devir*.

Em outras palavras, no evidenciar de um eixo, como por exemplo o 2 – ‘ Migração, Trajetórias, Viagens’, pode-se perceber que também é falado sobre experiências deixadas de lado ou adquiridas (Eixo 3 – ‘Aprendizados e Experiências’), a vida antes na Venezuela (Eixo 1 – ‘da abundância à escassez’), entre outros. Nesse diálogo, permeado por muitos elementos semelhantes onde o eixo é na verdade uma junção do local, do contexto e do contato com outras pessoas e/ou de experiências, é possível perceber que os

eixos, bem como os autores que proporcionaram concebê-los, é dialógico (estabelece um diálogo com outros) e polifônico (composto de muitas vozes). Não se faz/constitui só, isolado, mas com os outros. Desse modo, os eixos, embora detentores de categorias próprias e que carregam consigo um mundo de significados, também estão interligados, conectados à rede narrativa constituinte do ser venezuelano e migrante no Brasil.

À medida que adentrava no campo de vida dos venezuelanos, narrativas eram e continuam sendo produzidas, no exercício mimético e hermenêutico de constituir-se um narrador. Evidencio, sobretudo, em muitas das passagens dos venezuelanos a respeito de contar sua história, na escrita que se seguia linha após linha, nas falas educadamente sugeridas ou radicalmente atropeladas, mas pronunciadas, que me levavam ao seguinte pensamento: somos todos narradores.

Nesse curto espaço tempo que tive com venezuelanos, narrei em forma etnográfica o que é o abrigo, a vida no abrigo, a vida fora do abrigo, a vida no Brasil. Narrei sobre os encontros, sobre minhas dificuldades, minhas pulsões e impulsões de pesquisa, transformando assim a narrativa em descrição. Depois, ao escrever as considerações deste trabalho, (d)escrevi sobre e sob meus escritos, uma nova escrita, uma nova análise, um novo ponto de vista, complementar ao anterior. Tornei-me um narrador etnógrafo.

Em um movimento semelhante (o de narrar), os venezuelanos contavam oralmente sobre a vida e sobre as coisas, as suas coisas, nos diversos momentos pelo campo, na interação dentro ou fora de grupos, comitês, reuniões e andanças. No contexto do grupo reflexivo, suas falas eram direcionadas, possuídas por uma intencionalidade de descoberta do fenômeno ‘ser um refugiado no Brasil’, que depois transfigurou-se em ‘ser um migrante no Brasil’ conforme descobria que era assim que se enxergavam. Descobrir aqui adquire o sentido de conhecer algo que ainda estava sob suspeita, uma investigação onde o revelado descortina-se e não é mais um mistério, o véu das certezas questionáveis agora descoberto.

No limiar entre as falas e as interações, veio então a produção das narrativas autobiográficas, a escrita intencional sob o direcionamento das questões norteadoras. Em cada escrita, percebi uma evolução da forma de contar os detalhes, da seleção de quais detalhes contar, da possibilidade de enxergar que sua história de vida pode ser difícil, sofrida, mas também ter pontos positivos que merecem destaque, a força, resiliência e gratidão das pessoas em serem acolhidas e estarem sob a proteção de um Estado.

Desse modo, é possível enxergar como tornamo-nos, todos, sujeitos-participantes-autores. Eu, enquanto alguém que possibilita um espaço de socialização narrativa intencional e caminha entre as vozes, as vezes estabelecendo diálogos, as vezes observando o diálogo estabelecido, que ao final tem a missão de interpretar esses movimentos e convertê-los em análise, isto é, um novo diálogo, uma nova narrativa. Eles, enquanto produtores de conhecimento, de história e de cultura que se incorpora de autonomia no exercício de lançar sua voz no mundo através de diferentes maneiras, um gesto, um olhar, a voz falada, a narrativa escrita. Todos esses signos, no contexto da pesquisa, tornam-se acadêmicos, no sentido de possibilitar

contribuições epistemológicas onde o conhecimento é, sobretudo, uma metamorfose ambulante. Desse modo, nossas narrativas não têm fim, pois no contexto da produção desta nova escrita, outras escritas são possíveis. No contexto dessa leitura, outras leituras são possíveis. Uma narrativa sem fim.

Os pesquisados e o pesquisador têm pontos em comum que surgem desse choque, da tensão e do novo de estar ‘junto com’ esse outro. Quando consideramos enxergarmo-nos como narradores, também estamos sinalizando que somos possuidores de histórias que merecem ser contadas e recontadas, no exercício de vivê-la e escrevê-la em *continuum* (‘continuidade’). Esse contar, quando refeito sob a forma do ‘recontar’, incorpora-se da mimese ricoeuriana, pois agora a narrativa atinge sua plenitude evocativa do ser, isto é, o escrito mais bem pensado, editado, reescrito, apontando as tessituras da virtude, as tramas do presente e as possibilidades do *devir*, os três processos miméticos copilados e condensados, a narrativa transformadora.

Nessa investigação narrativo etnográfica, de características únicas, proporciona-se a coalizão entre diferentes mundos que se orientam pela narrativa que o sujeito conta sobre si mesmo, isto é, autobiografia, e a etnografia que é contada pelo outro, aquele que vem de fora e faz uma descrição sensível dos locais, das pessoas e das coisas. Nessa abordagem, narrativa e tempo caminham juntas, permitindo perceber que as histórias individuais, as relações sociais (que constituem histórias coletivas) e os elementos de pertença e referência constituem o cenário histórico (a vida antes) e o cenário cotidiano (o presente), onde os muitos sujeitos vivem suas histórias e produzem seus mundos narrativos, seus mundos de texto, seus mundos de vida. O futuro, na incidência desses cenários, se mostra como um “*mysterium tremendum et fascinans*” (‘mistério tremendo e fascinante’) (Otto, 2007), nublado, envolto em temores, anseios, sonhos e expectativas. Um *devir* iminente.

O mundo de vida dos migrantes por eles mesmos narrados no Rondon 1, evidencia individualidades em meio às coletividades. Ao constituir seu mundo de vida, que, impactado e influenciado pelas obras da cultura, se torna o mundo do texto, suas provocantes vidas migrantes adquirem um reconhecimento mútuo (Ricoeur, 2004). O reconhecimento mútuo, na perspectiva ricoeuriana, ocorre a partir da dialética entre a reflexividade e a alteridade, que, por sua vez, implica em outros termos, a saber, a reciprocidade e a mutualidade, que representam, em um sentido, espaços de manifestações coletivas.

São migrantes que escrevem seus nomes na história da nação que os acolhe – nesse caso, o Brasil – pelas margens, através dos registros quantitativos em infográficos, glossários de migração e demais. Possuem existências atravessadas por questões sociais, econômicas étnicas e raciais que são marcadores de seus papéis como protagonistas não apenas de suas narrativas autobiográficas, mas da história das nações que fazem parte – Venezuela e Brasil – que está acontecendo no momento presente. Uma história que não apenas remonta ao passado, mas um acontecimento simultâneo à escrita desta tese, cotidiano, compondo um jogo de poder, de lutas, memórias e mecanismos de deslocamentos.



Suas autobiografias evidenciam que suas travessias – da Venezuela ao Brasil (e do Brasil à Venezuela, considerando as idas e vindas constantes de determinados indivíduos e grupos), da vida dentro do abrigo à fora do abrigo, na vida de antes na Venezuela, quando o tempo era bom, ao tempo na Venezuela em que a vida se tornou difícil – se transformaram em trajetórias e que agora são contadas e recontadas. Na projeção de suas narrativas no papel, escrevendo histórias e escavando memórias, outras possibilidades narrativas se desdobram em quem as lê, evidenciando novas narrativas, um exercício sem fim.



REFERÊNCIAS

- ACNUR- AGÊNCIA DA ONU PARA REFUGIADOS. Autonomia e integração local de refugiados(as) e migrantes venezuelanos(as) acolhidos(as) nos abrigos em Boa Vista (RR). 2021. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2021/07/relatorio-operacao_acolhida-Final.pdf. Acesso em: 14 jan. 2024.
- ACNUR- AGÊNCIA DA ONU PARA REFUGIADOS. Relatório Mensal – Roraima: registro e abrigamento. Boa Vista: ACNUR, 2020.
- ARRUDA-BARBOSA, Loeste de. SALES, Alberone Ferreira Gondim. SOUZA, Iara Leão Luna de. Reflexos da imigração venezuelana na assistência em saúde no maior hospital de Roraima: análise qualitativa. *Saúde e Sociedade*, v. 29, p. 01-11, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902020190730>. Acesso em: 29 abr. 2024.
- BION, Wilfred Ruprecht. *Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*, Trad. por Walderedo de Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1975.
- BRASIL. Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016. Brasília: Conselho Nacional de Saúde, 2016. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2024.
- CERCA DE 800 venezuelanos entram por dia no Brasil. ONU News - Website Nações Unidas, 2018. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2018/04/1617532>. Acesso em: 29 abr. 2024.
- CICV. A espiral de violência urbana na Venezuela, em primeira pessoa. 2018. Disponível em: <https://www.icrc.org/pt/document/espiral-de-violencia-urbana-na-venezuela-em-primeira-pessoa>. Acesso em: 29 abr. 2024.
- COGGIOLA, Osvaldo. História do capitalismo. 1ª Ed. Buenos Aires: Ariadna, 2017. Disponível em: <https://ariadnaediciones.cl/images/pdf/historia.do.capitalismo.III.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2024.
- COSTA, Emily.; BRANDÃO, Inaê.; OLIVEIRA, Valéria. Fuga da fome: como a chegada de 40 mil venezuelanos transformou Boa Vista. Site G1, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/fuga-da-fome-como-a-chegada-de-40-mil-venezuelanos-transformou-boa-vista.ghtml>. Acesso em: 29 abr. 2024.
- FOLHA WEB. Exército inaugura o décimo abrigo em Roraima. 2018. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/cotidiano/exercito-inaugura-o-decimo-abrigo-em-roraima/>. Acesso em: 31 jul. 2025.
- FREUD, Sigmund. Sobre la iniciación del tratamiento (Nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis I). In: *Obras Completas* (J. L. Etcheverry, trad.). Vol. XII. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2001. (Obra original publicada em 1913).
- GABRIEL, Gilvete de Lima. Narrativa autobiográfica como prática de formação continuada e de atualização de si: os grupos-referência e o grupo reflexivo na mediação da constituição identitária docente. 1ª Ed. Curitiba: Editora CRV, 2011.
- GALVÃO, Cecília. Narrativas em Educação. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 11, n. 2, p. 327–345, maio 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-73132005000200013>. Acesso em: 29 abr. 2024.



GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GUÉRIOS, Paulo Renato. O estudo de trajetórias de vida nas Ciências Sociais: trabalhando com as diferenças de escalas. Campos (UFPR), v. 12, p. 9-34, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/28562>. Acesso em: 29 abr. 2024.

IBP. Maiores reservas de petróleo em 2020. [s.d.]. Disponível em: <https://www.ibp.org.br/observatorio-do-setor/snapshots/maiores-reservas-provadas-de-petroleo-em-2020/>. Acesso em: 29 abr. 2024.

JÁCOME, Francine. Venezuela frente al contexto andino y hemisférico ¿Cambios en la doctrina de seguridad? (1999-2005). Caracas: ILDIS, 2006. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/caracas/50449.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2024.

LANDER, Edgardo. Venezuela: la experiencia bolivariana en la lucha por transcender el capitalismo. América Latina en movimiento, 2017. Disponível em: <https://www.alainet.org/es/articulo/187714>. Acesso em: 25 out. 2024.

LLORENS, Manuel. Dolor país, Versión Venezuela: las protestas de 2017 y sus secuelas. Nueva Sociedad, n. 274, 2018. Disponível em: <https://www.nuso.org/articulo/dolor-pais-version-venezuela/>. Acesso em: 25 out. 2024.

LÓPEZ MAYA, Margarita. Venezuela entre emergências e incertezas. In: Conexão América Latina. 1ª ed. São Paulo: Edições Plataforma Democrática, 2023. Disponível em: <https://fundacaoofhc.org.br/arquivos/CAL/publicacao-conexao-america-latina-ano2-volume3.pdf>. Acesso em: 06 set. 2025.

MORRE AOS 58 anos Hugo Chávez, presidente da Venezuela. Site G1, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/03/morre-aos-58-anos-o-presidente-da-venezuela-hugo-chavez.html>. Acesso em: 29 abr. 2024.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. Os pensadores. São Paulo: Abril, 1976.

MATTOS, Pablo. A atuação do ACNUR na resposta ao fluxo de venezuelanos em Roraima. In: BAENINGER, Rosana; SILVA, João Carlos Jaroshinski (Coords). Migrações Venezuelanas. Campinas: Unicamp, 2018, p. 203-205.

MELO, Maria Lúcia de Almeida. Análise de trajetória metodológica de pesquisa instruída pela abordagem fenomenológico-hermenêutica de Paul Ricoeur. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS - SIPEQ, IV. Anais [...]. Rio Claro, 2010. Disponível em: <https://arquivo.sepq.org.br/IV-SIPEQ/Anais/artigos/14.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2024.

MOURA, Isabella Mayer de. Megaquadrilhas, guerrilhas, coletivos: um panorama sobre a violência na Venezuela. 2021. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/panorama-sobre-a-violencia-na-venezuela/>. Acesso em: 29 abr. 2024.

MURTHY, Vivek. O Trabalho e a Epidemia de Solidão. Revista Harvard Business Review, São Paulo, v. 96, nº 03, 2017, p. 29. Disponível em: <https://hbr.org/2017/09/work-and-the-loneliness-epidemic>. Acesso em: 23 jul. 2025.



NÓVOA, António. A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus. *In*: NÓVOA, António e FINGER, Matthias (Org.). O Método (Auto)biográfico e a formação. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/628365450/05-A-formacao-tem-que-passar-por-aqui>. Acesso em: 29 jul. 2025.

ORTIZ, Délis. Na Venezuela, falta remédio, comida, equipamentos e até papel higiênico. Portal G1, Buenos Aires, Argentina, 20 jun. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2015/06/na-venezuela-falta-remedio-comida-equipamentos-e-ate-papel-higienico.html>. Acesso em: 29 abr. 2024.

OTTO, Rudolf. O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

PÁEZ, Tomás. La voz de la diáspora venezolana. Madrid: Los Libros de la Catarata, 2015.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Transformações das figuras de si e do outro na mediação biográfica. *Linhas Críticas*, [s. l.], v. 29, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/48135>. Acesso em: 29 abr. 2024.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. *Educação*, [s. l.], v. 34, n. 2, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/faced/article/view/8697>. Acesso em: 29 abr. 2024.

PRIGOL, Natalia Munhoz Machado.; RAMASCO, Thiago Werner. Dinâmicas de grupo aplicadas aos alunos do curso de Direito. *Revista Pedagogía Universitaria y Didáctica del Derecho*, v. 5, p. 112-127, 2018. Disponível em: <https://pedagogiaderecho.uchile.cl/index.php/RPUD/article/view/50409>. Acesso em: 23 jul. 2025.

RESENDE, Aurélio Alyson Alves.; LEÃO, Gustavo Olímpio Rocha. A crise dos refugiados venezuelanos sob a ótica dos Direitos Humanos e da Segurança Internacional. *In*: Semana Acadêmica de Relações Internacionais: Dinamismo nas Relações Internacionais, III, 2018, Foz do Iguaçu – Paraná. Anais [...]. Foz do Iguaçu – Paraná, 2018. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/4255?show=full>. Acesso em: 29 abr. 2024.

RICOEUR, Paul. *Percurso do reconhecimento*. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2004.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo I. Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1994.

SANTOS, Josué Carlos Souza dos. O mundo de vida de crianças da Amazônia e suas infâncias. Aurum Editora, [S. l.], p. 316–329, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.63330/aurumpub.012-027>. Acesso em: 7 set. 2025.

_____. Venezuelans Migrants in the Amazon: Listening to Stories. *Harvard Review of Latin America - REVISTA* (Cambridge Mass.), v. 1, p. 1, 2023. Disponível em: <https://revista.drclas.harvard.edu/venezuelans-migrants-in-the-amazon-listening-to-stories> venezuelans-migrants-in-the-amazon/. Acesso em: 07 set. 2025.

_____. Entre idas e vindas os processos de aprendizagem de crianças indígenas venezuelanas Warao refugiadas e migrantes em Roraima, Amazônia. 2022, 104 f. Dissertação (Mestrado em Segurança Pública, Direitos Humanos e Cidadania) – Universidade Estadual de Roraima, 2022, Disponível em: <https://www.uerr.edu.br/wp-content/uploads/2022/08/Entre-idas-e-vindas-os-processos-de-aprendizagem->



de-criancas-indigenas-venezuelanas-Warao-refugiadas-e-migrantes-em-Roraima-Amazonia.pdf. Acesso em: 29 abr. 2024.

SANTOS, Josué Carlos Souza dos. GABRIEL, Gilvete de Lima. Refúgio, narrativas e histórias: migrações e experiências na Amazônia. Teoria, Prática e Metodologias das Ciências Humanas. 1ª ed. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019, v. , p. 148-160. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/catalogo/ebook/teoria-pratica-e-metodologias-das-ciencias-humanas>. Acesso em: 07 set. 2025.

SINGER, Florantonia. Três dólares por mês para ser funcionário público na Venezuela. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-02-07/tres-dolares-por-mes-para-ser-funcionario-publico-na-venezuela.html>. Acesso em: 29 abr. 2024.

SZYMANSKI, Heloísa (Org.). A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva. Brasília: Liber Livro Editora, 2004.

URBANEJA, Diego Bautista. Temas de Formación Sociopolítica - La política venezolana desde 1958 hasta nuestros días. Caracas: Centro Gumilla/UCAB, 2007. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=YaAMjse5_BIC&lpg=PP1&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 06 set. 2025.

WEIL, Pierre. Dinâmica de Grupo e Desenvolvimento em Relações Humanas. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1967.



REFERÊNCIAS EMPÍRICAS

Andréia. Narrativa Autobiográfica. Corpus da Pesquisa de Doutorado de Josué Carlos Souza dos Santos. Boa Vista, ago. 2025. (Digitado).

_____. A escrita de Andréia. Produção Artística. Corpus da Pesquisa de Doutorado de Josué Carlos Souza dos Santos. Boa Vista, ago. 2025. (Digitado).

Fernando. Narrativa Autobiográfica. Corpus da Pesquisa de Doutorado de Josué Carlos Souza dos Santos. Boa Vista, ago. 2025. (Digitado).

Jenifer. Narrativa Autobiográfica. Corpus da Pesquisa de Doutorado de Josué Carlos Souza dos Santos. Boa Vista, ago. 2025. (Digitado).

Diário de Campo. Corpus da Pesquisa de Doutorado de Josué Carlos Souza dos Santos. Boa Vista, ago. 2025. (Digitado).

Manoel. Narrativa Autobiográfica. Corpus da Pesquisa de Doutorado de Josué Carlos Souza dos Santos. Boa Vista, ago. 2025. (Digitado).

Mário. Narrativa Autobiográfica. Corpus da Pesquisa de Doutorado de Josué Carlos Souza dos Santos. Boa Vista, ago. 2025. (Digitado).

_____. O desenho de Mário. Produção Artística. Corpus da Pesquisa de Doutorado de Josué Carlos Souza dos Santos. Boa Vista, ago. 2025. (Digitado).

Marta. Narrativa Autobiográfica. Corpus da Pesquisa de Doutorado de Josué Carlos Souza dos Santos. Boa Vista, ago. 2025. (Digitado).

_____. A canção de Marta. Produção Artística. Corpus da Pesquisa de Doutorado de Josué Carlos Souza dos Santos. Boa Vista, ago. 2025. (Digitado).

Nanda. Narrativa Autobiográfica. Corpus da Pesquisa de Doutorado de Josué Carlos Souza dos Santos. Boa Vista, ago. 2025. (Digitado).

_____. A poesia de Nanda. Produção Artística. Corpus da Pesquisa de Doutorado de Josué Carlos Souza dos Santos. Boa Vista, ago. 2025. (Digitado).

Perfil dos Sujeitos da Pesquisa. Corpus da Pesquisa de Doutorado de Josué Carlos Souza dos Santos. Boa Vista, ago. 2025. (Digitado).

Solange. Narrativa Autobiográfica. Corpus da Pesquisa de Doutorado de Josué Carlos Souza dos Santos. Boa Vista, ago. 2025. (Digitado).

Nota: O nome dos participantes foi ocultado no sentido de preservar sua identificação. Aqui estão listados como pseudônimos.